

Longevidade: Tempo de escolhas**Longevity: Time of choice**

DOI:10.34117/bjdv6n10-083

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 06/10/2020

Adriana Aparecida Honório dos Santos

Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós Graduação em Administração do Departamento de Gestão e Negócios da Universidade de Taubaté.

Instituição: Universidade de Taubaté

Endereço: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 - Taubaté-SP - CEP: 12020-330.

E-mail: iradriana.santos@ipmmi.org.br

Adriana Leonidas de Oliveira

Pós-Doutorado em Administração de Empresas (EAESP-FGV) e professora do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté e pós-graduação em administração na Universidade de Taubaté.

Instituição: Universidade de Taubaté

Endereço: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 - Taubaté-SP - CEP: 12020-330.

E-mail: adrianaleonidas@uol.com.br

Quésia Postigo Kamimura

Pós-Doutorado em Saúde Pública pela USP e professora na graduação e pós-graduação em administração na Universidade de Taubaté.

Instituição: Universidade de Taubaté

Endereço: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 - Taubaté-SP - CEP: 12020-330.

E-mail: qkamimura@gmail.com

Edson Aparecida de Araujo Querido Oliveira

Pós-Doutorado em Gestão da Inovação Tecnológica - Área de Produção pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica e coordenador Geral do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Gestão e Negócios da Universidade de Taubaté.

Instituição: Universidade de Taubaté

Endereço: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 - Taubaté-SP - CEP: 12020-330.

E-mail: edsonaaqo@gmail.com

RESUMO

Este artigo trata da discussão teórica entre o envelhecimento expressivo da população idosa e consequências das escolhas humanas no mundo global. Os dados estatísticos a cada ano, revelam que populações vivem mais. Mas, de que maneira se vive num mundo globalizado? Quais as escolhas em época de inseguranças? Como construir trajetórias genuínas? A globalização impõe expressivos desafios para todas as estruturas em diferentes escalas, acentuando inúmeras desigualdades. Como metodologia, utiliza-se a abordagem qualitativa e descritiva através da revisão de literatura e a pesquisa documental. Os resultados atribuem ao processo educativo e a contribuição pessoal e coletiva, um caminho privilegiado de transformações e mudanças.

Palavras-chave: Longevidade, Globalização, Escolhas Humanas.

ABSTRACT

This article deals with the theoretical discussion between the expressive aging of the elderly population and the consequences of human choices in the global world. Statistical data each year reveal that populations live longer. But, how do you live in a globalized world? What are the choices in times of insecurity? How to build genuine trajectories? Globalization poses significant challenges for all structures at different scales, accentuating numerous inequalities. As a methodology, the qualitative and descriptive approach is used through literature review and documentary research. The results attribute to the educational process and to the personal and collective contribution, a privileged path of transformation and change.

Keywords: Longevity, Globalization, Human Choices.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho descreve como a longevidade apresenta-se como um grande desafio contemporâneo. Diversas indagações existem referentes ao modo como se vive e como escolher um projeto de vida consciente, saudável nas diversas dimensões e livre de sugestões tendenciosas. Infelizmente, a sociedade pós moderna com seus inúmeros contornos, influencia a forma como construímos as trajetórias pessoais, coletivas, bem como as escolhas e o modo de vida (BAUMAN, 2009).

Para SANTOS (2000), o que estamos vivenciando é o fortalecimento constante dos interesses financeiros, em detrimento dos cuidados com as populações, em que torna suas vidas mais difíceis.

A partir de estudos estatísticos percebe-se que a longevidade, traz uma nova dinâmica da transição demográfica, do crescimento da população, da estrutura familiar e a demanda por serviços de políticas públicas e distribuição de recursos da sociedade, principalmente no tocante aos cuidados e na garantia de direitos. A queda da fecundidade, traz inúmeros impactos para o setor produtivo, políticas sociais, sistema de saúde, previdência social, cultural e outros (PAIVA; WAJNMAN, 2005).

Neste sentido, a atenção para uma existência longa é aliada também a uma busca plena de sentidos e a qualidade de vida que torne as pessoas verdadeiramente felizes.

Vários autores da pós modernidade, procuram através de suas bases teórica e vivenciais, expressar ideias sobre as consequências dos valores do mundo contemporâneo para a humanidade.

Vive-se a civilização do desejo, em que a felicidade está na capacidade de consumir, na estética padronizada de coisas e pessoas, encobertas pelas redomas do capital e na centralidade do mercado (LIPOVESKY, 2007).

Santos (2000), salienta que a globalização reserva os melhores espaços do território para polarizar a riqueza, transformando-o em um único aglomerado de dominação. A perversidade do sistema, com a tirania do dinheiro e informação possui uma nova técnica e convergência de normas.

Estrutura-se o trabalho, a partir do conceito de Longevidade e apresentação de dados estatísticos sobre a transição da demografia brasileira atual, seguido da discussão sobre a globalização e suas consequências no cotidiano das pessoas, após, a apresentação da metodologia, discussão dos resultados sobre a importância do processo educativo e da contribuição pessoal e coletiva para um nova consciência e consideração final.

2 DESENVOLVIMENTO

Há uma tendência mundial para o crescimento da população idosa, explicitado em diversos estudos estatísticos e em inúmeras projeções etárias. Por outro lado, vive-se tempos inseguros e intensificação das desigualdades sociais, acarretando mudanças em todos os aspectos da vida humana. Como pode-se viver bem e com profundidade em tempos difíceis?

O artigo, não pretende fazer uma revisão bibliográfica extensiva, mas contribuir no debate de que uma autêntica maneira de se viver é possível, livre de formas meramente globalizadoras e superficiais. Um novo mundo é possível, práticas podem ser alcançadas e a alienação pode ser substituída, construindo uma história solidária e crítica.

A seguir, inicia-se a reflexão sobre a longevidade e envelhecimento populacional, seguido dos inúmeros desafios enfrentados, em época de mudanças.

2.1 LONGEVIDADE E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

Para Araújo (2018), a longevidade traz em si o conceito de uma vida longa, que anseia por melhores condições de vida em sua totalidade, permitindo viver de maneira ativa e consciente, com o compromisso da integralidade no cotidiano da vida.

Pode se tornar um processo natural, consciente e otimista das inúmeras limitações, tornando-se plena de atribuições significativas para o bem-estar pessoal e coletivo e revelando um envelhecimento saudável. A realização de atividades que causem bem-estar e a manutenção de hábitos que contribuam para socialização e valorização da vida são essenciais (NUNES, 2012).

Salles (2018), aponta que uma vida longa, é um novo processo da existência humana em que a dimensão temporal se estende e é marcado pelo amadurecimento, transitoriedade e a finitude do eu. Comporta inúmeras experiências e sentidos distintos, tornando-se verdadeiras marcas temporais, inscrições da passagem da vida e que continuam convocando a exaltar a existência, se assumido com significados profundos.

Na fase da idade madura, apresenta-se um conflito entre a integridade e o desespero. É a percepção que se faz da vida, que tende a dar ressignificados novos ao passado, experienciar profundamente o presente e vislumbrar o futuro com esperança (ERIKSON; ERIKSON, 1998).

A longevidade é evidenciada e estudada expressivamente. Pode-se obter resultados estatísticos da mudança da pirâmide da faixa etária, obtendo uma nova dimensão atual e uma projeção que irá se acentuar a cada ano.

Em 2012, a população com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões. Os 4,8 milhões de novos idosos em cinco anos correspondem a um crescimento de 18% desse grupo etário, que tem se

tornado cada vez mais expressivo. As mulheres são em maior número, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo). Entre 2012 e 2017, a quantidade de idosos cresceu em todas as unidades da federação, sendo os estados com maior proporção de idosos o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, ambas com 18,6% de suas populações dentro do grupo de 60 anos ou mais. O Amapá, é o estado com menor percentual de idosos, com 7,2% da população (PARADELLA, 2018).

O Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas na faixa etária de 60 ou mais anos, idade considerada pela Organização Mundial de Saúde, como idoso. Hoje representa cerca de 13% da população do país (PERISSÉ; MARLI, 2019).

O país passou rapidamente para um redesenho de população envelhecida e com elevada incidência e prevalência de enfermidades complexas e onerosas para o sistema, estabelecendo novas configurações longevas.

Para Santos (2015), o aumento da expectativa de vida da população brasileira aconteceu em decorrência de inúmeros fatores como a queda da mortalidade, urbanização, melhoria nutricional, elevação dos níveis de higiene pessoal, nutricional e ambiental.

Os avanços para busca da longevidade, deve-se também ao uso das tecnologias no manejo de diversas doenças, bem como, de uma melhor qualidade de vida no avançar da idade (ARRUDA *et al*, 2020).

Silva (2012), destaca que problemas relacionados à moradia, mercado de trabalho, mobilidade, violência, acesso à saúde e educação estão estreitamente relacionados à demografia, ao volume populacional, à densidade, ao comportamento reprodutivo, à formação de famílias, à estrutura etária e ao conseqüente processo de envelhecimento populacional, entre outros.

Em especial, a diminuição da taxa de fecundidade das mulheres, com reflexo nos padrões demográficos, acentuou as diferenças das estruturas da faixa etária da população brasileira. Como consequência deste novo processo, a diminuição de crianças, adolescentes e jovens e contínuo aumento do número de idosos (SANTOS, 2015).

Ainda para o autor, a estrutura etária da população até o final de 1970, era formada em sua maioria por jovens, a partir deste ano, há um declínio da fecundidade feminina, dando novo contorno a pirâmide etária. A partir de 2000, percebe-se diminuição no número de crianças em termos mais expressivos.

De acordo com Paradella (2018), o Órgão do IBGE que realiza a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), aponta que a população brasileira manteve a tendência da longevidade dos últimos anos.

A relação entre a população de idosos e de jovens é chamada de índice de envelhecimento, que deve aumentar de 43,19%, em 2018, para 173,47%, em 2060 (PERISSÉ; MARLI, 2019).

Para Perissé e Marli (2019), pode-se observar o início do declínio da população de crianças e adolescentes entre 0 a 14 anos, esta realidade se contrapõe novamente ao crescimento de idosos no decorrer dos últimos anos. Este aumento deve-se manter nas décadas seguintes, de 14,2 milhões de idosos em 2000 para 29,3 em 2020 e alcançando 66,5 em projeção para 2050. Tal tendência traz redesenho da pirâmide da faixa etária com afunilamento da base e crescente contingente de pessoas no topo.

Simões (2016), comenta que a partir de 2047 a população deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional – quando os grupos mais velhos ficam em uma proporção maior comparados aos grupos mais jovens da população.

A taxa de fecundidade passou de aproximadamente 6,0 filhos por mulher, para 1,8. Projeções populacionais recentes apontam para uma taxa de crescimento populacional de 0,7% a.a. para a década 2010-2020 e negativa entre 2030-2040 (IPEA, 2011).

O impacto das mudanças do padrão demográfico sobre a estrutura etária, com o envelhecimento da população, envolve novas questões e demandas, sobretudo em relação aos serviços públicos. Parte significativa da sociedade, principalmente aquelas responsáveis pela implementação de programas e Políticas, devem estar atentos ao novo cenário populacional brasileiro. Os dados são sustentáveis e validados pelos principais Órgãos competentes (SIMÕES, 2016).

Simões (2016) insiste, considerando que nos grupos etários, pode se verificar também um indicador importante, denominado de razão de dependência total, relacionando o total da população ativa (15 a 59 anos) e total da população não ativa (0 a 14 anos e 60 anos de idade e mais). Este indicador causa preocupações pela carga de excesso de pessoas não produtivas e impacto futuro no setor econômico, de Políticas Públicas e inúmeros outros.

Contudo, inúmeros outros desafios apontam-se para população longeva neste contexto da pós modernidade, trazendo questões e mudanças que se expressam continuamente nos diversos aspectos da vida humana. Busca-se um novo sentido de vida, capaz de impulsionar a busca de perspectivas mais humanizadas e conscientes. Mas como viver mais e melhor em um sistema em que a pessoa não é a protagonista e livre de sua própria existência?

O texto a seguir, auxilia a repensar conceitos globais e suas limitações para as condições da vida humana.

2.2 LONGEVIDADE EM ÉPOCA DE GLOBALIZAÇÃO

Inúmeras projeções e dados revelam a longevidade como uma realidade do mundo contemporâneo, porém, perspectivas apontam inúmeros desafios para uma vida equilibrada e consciente. A própria estruturação do sistema, a relatividade e individualidade das pessoas, comportamentos meramente competitivos, caracterizam uma sociedade de mazelas.

Santos (2000), comenta que o mercado global é avassalador, capaz de aprofundar as diferenças locais em detrimento do consumo impensado.

Pessoas são partes de um projeto arquitetado por um grupo privilegiado e que se sustenta por ideologias ilusórias para uma parte extensa da população menos favorecida e excluída.

No fim do século XX, com o avanço da ciência e técnicas de informação, foi produzido um sistema que passou a exercer um papel de elo entre as demais dimensões da sociedade, assegurando um novo sistema no planeta. É o fenômeno da Globalização, resultado das ações perversas do mercado global, em que a mais valia, unicidade do tempo e unicidade da técnica permitiu a eficácia do sistema (SANTOS, 2000).

Santos (2000), ainda ressalta que a globalização se apresenta em seu estágio inicial como um aprofundamento das desigualdades entre o centro do sistema mundial e a periferia. Dentro do centro, temos a presença do Estado hegemônico, função exercida desde a Segunda Guerra Mundial pelos Estados Unidos. Porém, as características da Revolução Científico Técnica e da Globalização trazem contradições irreconciliáveis com o capitalismo.

A globalização apresenta-se como um processo extremamente complexo, não se restringe a tempo, dimensões específicas de finanças ou de espaço, mas de uma profunda revolução que tende a se adaptar a qualquer mudança, afetando a vida humana com profundidade. É uma força revolucionária, que impulsiona e que “cria um período de transição, no qual se perfilam projetos distintos e antagônicos para dirigi-la”. A globalização impulsiona toda a vida mundial, estabelecendo limites crescentes para sua expansão (MARTINS, 2011, p. 20).

Donato (2016), salienta que infelizmente, em um mundo globalizado, a valorização do homem na atualidade, se dá por seu trabalho exercido, seja ele intelectual ou operacional e pelo poder de consumo.

Para Heineck (2018) a tecnologia e a globalização aceleraram todos os processos e tornaram este um conceito de vida ocidental. Hoje tem-se um homem que vive uma ilusão paradoxal de felicidade, pois altera constantemente momentos de bem-estar com momentos de tristeza e decepção. Assim como vários avanços foram conquistados, muitos valores foram desvirtuados e muitos problemas foram gerados. A exploração do trabalho em troca de felicidade é o grande

mecanismo que mantém o sistema capitalista em funcionamento e o indivíduo preso na sua busca de bem-estar através do consumo.

Uma massa de trabalhadores pobres e de baixa qualificação é deixada pelo sistema, ou alocada em ocupações subalternas, com pouca ou nenhuma proteção trabalhista e jornadas de trabalho contraditória com o estágio atual das forças produtivas. Terceirização, subemprego e trabalho informal são mecanismos utilizados pelo capital para manter essa força de trabalho ocupada e elevar ao máximo a lei do valor nas relações de produção capitalista. O desemprego estrutural, tão comum em tempos neoliberais, é a realidade de um sistema que não atualiza a formação de sua força de trabalho ao estágio atual das forças produtivas, ou antes, aprofundam as desigualdades (SANTOS, 2019).

Bossi (1979, p. 76), afirma que “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização”. As profundas transformações mundiais, requerem uma maior preparação profissional, aliada a busca de conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

A habilidade de gerar trabalho e renda permanente, depende da capacidade de se tornar atraente aos olhos das empresas e reunir competências necessárias para busca de resultados (MINARELI, 1995).

A relação envelhecimento e mercado de trabalho, sobretudo nos países capitalistas, alcança uma representação social, construída com base em preconceitos. Baumam (1989) comenta que a relação do trabalho, interação social e o consumo são extremamente importantes. Neste sentido, a diminuição de rendimentos significa exclusão social, gerando sentimentos de isolamento, solidão, inutilidade, falta de afeto e de atividades físicas, sociais e financeiras.

Este movimento de globalização devolveu ao homem capitalista a condição primitiva da busca e bem-estar de si e reduziu a noções de moralidade pública e particular a um quase nada (SANTOS, 2000).

Para Meirelles (2013), vivemos em uma sociedade que reforça atitudes automáticas e impensadas, sendo relacionado ao surgimento e efeitos dos conteúdos dos meios de comunicação, com características homogêneas e discurso igualitário. A massa é um somatório de partes, que não contém lideranças, estruturas ou organizações, mas apenas indivíduos autônomos, isolados e anônimos, que não possuem vínculos comunitários e que agem direcionados por seus interesses próprios.

A sociedade é compreendida como um grupo de pessoas, que estão juntas, mas não compartilham valores, sentimentos ou reconhecimento mútuo. Os indivíduos são manipulados pelos processos capitalistas para consumir produtos padronizados, sem nenhuma crítica ou reflexão. A

vida reduz a esfera do consumo, reações são previstas e analisadas pelas grandes empresas, tudo está planejado. A cultura de massa foi idealizada pelo processo capitalista, padronizada por modelos, ideais estéticos, de beleza, de status, marcas, produtos, valores, etc. A mídia, tornou-se importante canal de contato entre consumidores e mercados, despertando o interesse e desejo das pessoas, estabelecendo padrões de comportamento e de consumo, que formatam a identidade do indivíduo. As mercadorias e o ato de consumir, tornam-se a principal forma de manifestar-se no mundo e de constituir-se sujeitos (MEIRELLES, 2013).

Sobre a presença ideológica da mídia e de informações centralizadoras e convenientes ao sistema, Santos (2000, p.20), aponta que há um encantamento do mundo, no qual o discurso tem dois rostos: um pelo qual busca instruir e outro pelo qual busca convencer.

A mercantilização da imagem contribuiu para o processo consumista, como comenta Vilione (2016), em que o cotidiano pós-moderno é midiático, envolto de aparências e imagens construídas, funda-se na superficialidade, estabelecendo rótulos, estigmas, desigualdades, preconceitos, pseudovalorizações, imediatismo, entre outros, é este, influencia maciçamente o cotidiano da sociedade.

O sistema globalizador, bem como, em especial o processo produtivo, construiu uma dimensão de necessidade e dependência do consumo exacerbado de bens e serviços, como fundamento para realização humana, em detrimento dos direitos e valores comunitários e pessoais. Acredita-se que a discussão sobre o que realmente é de grande importância para pessoa humana seja relevante, a fim de contribuir no processo de compreensão da própria existência e conquistas realmente duradouras e necessárias (HEINECK, 2018).

Santos (2000), compreende que o consumo é estímulo estético, moral e social, pois aparece como grande fundamentalismo do nosso tempo, verdadeiro redutor da personalidade, da intelectualidade, de uma visão de mundo integral.

Para Bauman (2009, p. 38), o fenômeno estratégico do consumismo foi um marco na vida da sociedade em que se deu a “passagem do consumo ao consumismo, quando aquele, tornou-se especialmente importante, se não central, para a vida da maioria das pessoas”. A experiência da gratificação imediata de ter, acabou por preencher aparentemente as lacunas humanas e ao mesmo tempo contribuiu para um abismo ainda maior, em que o vício, desemboca na solidão e no desespero. É a estratégia capitalista de tornar as pessoas mais felizes e que passou a sustentar a economia da sociedade.

Nesta perspectiva, o sentimento de bem-estar está identificado e expressado na sensação de desejo finito realizado, novo bem supremo das sociedades capitalistas, como aponta Lipovetsky

(2007, p. 11), em que “uma nova modernidade nasceu: ela coincide com a ‘civilização do desejo, que foi construída ao longo da segunda metade do século XX”. supremo das sociedades democráticas.

O desejo de viver mais e melhor encontra sua expressão no culto do corpo como modelo de saúde, beleza e produtividade, contribuindo como importante marcador de discriminação (SALLES 2018).

Ainda para Bauman (2009), a sociedade está acorrentada em seus próprios desejos, vive-se numa escravidão, em que as pessoas se sentem livres e assim, indispostas a perceber e experimentar a libertação. A emancipação tem consequências, pois deve-se assumir os riscos e as responsabilidades que acompanham a autonomia e autoafirmação genuínas. A crítica e a insatisfação com o sistema, deu lugar a uma parte inevitável e obrigatória dos afazeres da vida cotidiana, um processo de convencimento que é intrínseco e aparentemente normal para as pessoas, incapaz de dialogar com a política vida. Cada um a seu modo, inventou um modo de acomodar o pensamento e ação crítica, trazendo consequências irreversíveis. Cada pessoa tem seu itinerário próprio, desvinculado do todo, sem compromisso e responsabilidade. Há uma diminuição do interesse pelo bem público, engajamento político.

Heineck (2018) aponta que o sentido da coletividade, dá espaço a liberdade individual e impulsionada pelo capitalismo, permitindo que cada indivíduo buscasse o seu espaço, esquecendo das prerrogativas essenciais para uma de suas maiores características naturais. O indivíduo trocou os valores fundamentais da sua vivência, pelas comodidades consumistas do mundo globalizado.

A alteridade, dá lugar a comodidade para poucos e a indiferença recobre a camada menos favorecida. Bauman (1999), salienta que há uma distinção entre as pessoas de fora e de dentro, há um sentido equivocado de “não” fronteiras, mas favorecendo única e exclusivamente o capital. São restrições de tempo, movimento, espaço e custo impostas a liberdade pessoal e coletiva. Vive-se a época do fim das distâncias mercadológicas, geográficas, históricas, financeiras, em detrimento do respeito a identidade, cultura, separação, coletividade. Fisicamente estamos pertos, mas ao mesmo tempo a sensação é de estarmos muito longe, trazendo uma dimensão crucial de certeza e incerteza, entre a autoconfiança e a hesitação. Estar longe significa estar com problemas e estes precisam de astúcia e coragem, ao mesmo tempo, estar perto, significa o que não é problemático e por isso não precisa de esforço (BAUMAN, 1999).

Neste sentido, as atividades econômicas perpassam todas as relações e possuem um papel fundamental no desenvolvimento dos estados, fazendo parte do cotidiano da sociedade e de suas vivências. A economia passa, portanto, a integrar e até mesmo orientar as relações e decisões

sociais. A busca excessiva do lucro, tornou-se o grande objetivo da minoria rica e o sonho da grande massa de miseráveis. Há uma tendência existencial pela acumulação de bens, concentração de renda, reduzida democracia nos âmbitos sociais, econômicos, políticos, psicológicos e outros. (HEINECK, 2018).

A dinâmica populacional no Brasil e principalmente, as consequências da globalização, resultou em um número crescente de pessoas idosas com baixa escolarização, sem capacidade laboral e sem reservas para um futuro tranquilo, sem renda para garantir a dignidade e o consumo na última fase do ciclo de vida. Infelizmente, a seguridade aos grupos mais vulneráveis está enfraquecida, como também a garantia de direitos e o agravamento das desigualdades (TURRA, 2018).

Para Bauman (1999), a globalização encontrou na longevidade seu espaço privilegiado, em que o cerne está no crescimento do individualismo, do enriquecimento e do desejo do consumo ilimitado. Um processo irreversível, que divide unindo e une dividindo, dizimando qualquer encaminhamento de igualdade dos segmentos da população global. A própria liberdade torna-se mercadoria escassa, onde são aprisionados nossos desejos materiais e imateriais infinitos, mas sinalizando um destino indesejável e cruel.

Enfim, como propõe Santos (2000), a história global, em especial, a capitalista foi dividida em períodos, pedaços de tempo marcado por ideias e variáveis significativas que evoluíram no tempo e espaço, antecidos por crises, em que a ordem estabelecida é comprometida e que se harmoniza quando essas variáveis ganham expressão.

Neste sentido, nada é estático, tudo a seu tempo vai se remodelando e transformando. Sim, a crise aponta novas e antigas variáveis construtoras de sistemas, exigindo novas definições e arranjos. Tudo é possível, tudo é permitido, basta que uma nova crise se instaure, para que novos contornos apareçam.

Ao mesmo tempo que se levantam inúmeras indagações e desafios de uma vida longínqua e aparentemente sem sentido, surge também possibilidades e esperança por uma vida mais igual, solidária e plena de sentidos.

Para Santos (2000, p. 57), as concepções de democracia, opinião pública, cidadania, necessitam ser novamente conceituados, acreditando que a grande tarefa é a elaboração de um novo discurso, capaz de desmitificar e atenuar a grande confusão em que a sociedade se encontra. Passar de uma situação crítica para uma visão crítica, tomando consciência daquilo que é fundamental, unitário e verdadeiro para própria existência, “pois a existência é produtora de sua própria pedagogia”.

Bauman (2009, p. 12), comenta que “observadores indicam que cerca de metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado e não pode ser adquirida em lojas”.

A felicidade e o contentamento estão nas coisas aparentemente simples, mas que dão um sentido profundo a tudo, nada alcançará seu valor se não preencher o vazio que se carrega ou a solidão que incomoda. Mesmo os mais caros presentes, não podem compensar o tempo em que se permanece com pessoas que se tem apreço.

Santos (2002), ainda sinaliza que é importante manter uma visão sistêmica, para o que aconteceu ou acontece, o que se tem de ensinar são situações, e estas, devem trazer a totalidade do sistema, só assim, se passará do empirismo abstrato para uma generalização do que realmente existe.

A geração atual tem o privilégio de saber o que se passa em todo o mundo, e a possibilidade para buscar a construção dos sistemas explicativas das diversas situações para construir os “novos humanismos”. Temos o conhecimento e a informação para não sermos expectadores da própria existência, são eles o caminho seguro para decisões responsáveis e coerentes (SANTOS, 2002).

Para Delors (1999), compreende-se que o processo educativo seja um meio privilegiado de desconstrução de ideais do setor produtivo. A educação e as múltiplas formas do saber, devem englobar processos responsáveis e maduros que levem as pessoas, desde a infância até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas.

Proporcionar educação permanente, segundo Cortelletti (2006), é importante ao longo da vida, para garantir o bem-estar desta população, reinserção no meio em que vive e reconstrução de sua identidade social.

A educação tem como finalidade promover conhecimentos que determinam redimensionamentos para qualidade de vida e participação social da população (INOUE *et al*, 2018).

Cavaco (2002), refere-se a aprendizagem e a formação experiencial como processos de aquisição de saberes que tem origem na globalidade da vida, associados a modalidade da educação e que resultam da ação de quem aprende em interação com o meio, num processo cumulativo. A valorização dos saberes deve passar por um processo de oportunidades educativas que são vivenciadas no dia a dia.

Aliado ao conhecimento, a busca dos direitos, a prática política e social reivindicatória é um caminho importante em que todos, consciente de seu potencial e sua sabedoria, reconhecendo-se como sujeito, podem ser protagonista de sua própria luta, fazendo-se ouvir e respeitar pelo reconhecimento do seu valor intrínseco, como ser humano pleno (ZACHARIAS, 2001).

Para Bauman (2009, p. 22), “as habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido-moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista”. Olhar o presente como dádiva, renascer para um novo posicionamento e readquirir a responsabilidade sobre a própria vida, tem sido um caminho árduo para inúmeras pessoas.

O envolvimento da pessoa como protagonista do processo da sua vida, ocupando os espaços já existentes e criando outros que englobem a diversidade desse, apesar de presente nos dispositivos legais, ainda está longe de ser efetivo. Acredita-se que a educação é condição para a promoção dessa autonomia e da sua participação na sociedade (INOUE *et al*, 2018).

A busca de um sentido de vida pleno, integral e comprometido, encontrando novas dimensões para reflexão, compreensão e concretude de uma existência longa, é urgente.

Para Pini (2019), contribuir no processo educacional, na perspectiva sociocultural e socioambiental, é assegurar que a formação teórica, técnica e política, possa intervir no contexto social, transformando as relações de opressão em práticas solidárias, produzindo um desenvolvimento socioambiental efetivo. Neste sentido, a educação pode desempenhar um papel central em qualquer projeto de mudança.

No entanto, deve-se também criar espaços para dimensão solidária, processo dialético que impede o poder de crescer cada vez mais. É com essa força que se cultivarão verdadeiros bens infinitos, como a liberdade, e estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam” (SANTOS, 2000, p. 64).

Para Bauman (2000) a busca da felicidade pode tornar-se desafio e tarefa, fazendo dela uma estratégia para vida pessoal e coletiva. No desejo que o outro também se beneficie com o bem-estar integral, reforçando o sentimento de contentamento pessoal.

Outra perspectiva, é a atenção com os mais vulneráveis, pois a globalização trouxe a equação da pobreza, que esconde inúmeros aspectos como “horribéis condições de moradia, doença, analfabetismo, agressão, famílias destruídas, enfraquecimento de laços sociais, ausência do futuro e produtividade” (BAUMAN, 1999, p. 81).

Os filósofos da ética, acreditam que é possível estabelecer nos tempos atuais o equilíbrio entre bem-estar pessoal e preocupação com os outros. É memorável na atualidade encontrar pessoas capazes de viver com intensidade e profundidade a existência, solidarizando-se com os menos favorecidos.

A crença nos valores da justiça, do bem comum, da solidariedade, da compaixão, da bondade e de outras virtudes, podem trazer importância para vida e sabedoria para os anos. A responsabilidade de escolher uma causa nobre, livre de interesses meramente pessoais, para ir ao

encontro do outro com responsabilidade, “as possibilidades de povoar o mundo com pessoas mais dedicadas e/ou induzi-las a se dedicarem mais, não figuram nas paisagens pintadas na utopia consumista” (BAUMAN, 2000, p. 142).

Por fim, a inteireza pela vida, por si mesmo e pelo outro, associados ao processo educativo, dão aos indivíduos, oportunidades infinitas de libertação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma das grandes conquistas da história, a longevidade constitui também um grande desafio por provocar significativas transformações de ordem demográfica, socioeconômica, cultural e relacional. Trazendo questões urgentes relativas à intensidade da vivência, a responsabilidade das escolhas e o comprometimento com o outro e o mundo.

É possível dar nova ressignificação a própria existência, mesmo que o sistema tenha estabelecido um destino para o mundo. Consequências sociais, econômicas, culturais, políticas desse processo globalizador, cria uma noção de tempo e espaço que não dignifica a pessoa humana.

Acredita-se que a manipulação de vida, tende a ser substituída por uma nova consciência, que não será de valores mercadológicos, mas sim de solidariedade, do conhecimento e principalmente, da disposição de si ao encontro dos outros.

A discussão potencializa o desejo de mudança, de transformação e propõe um sentido novo para a existência. Viver uma vida longa e melhor, pode trazer novas perspectivas, e estas, trarão a felicidade que se deseja. Sabe-se, porém, que o desafio é árduo, mas sem trabalho duro, a vida não se tornaria tão valiosa.

Percebeu-se que perguntas precisam ser feitas, sem a pretensão de obter respostas prontas ou sempre assertivas. Questões devem ser discutidas, pois através delas, desempenhamos a missão mais desafiadora para a sociedade pós-moderna: a de questionar o modo de vida e percepções do mundo atual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. D. **Ser idoso, sexualidade e cuidados preventivos no atual cenário da longevidade e envelhecimento populacional: estudo de caso no município de Natal/Rio Grande do Norte.** [Tese de Doutorado]. UFMG. Belo Horizonte, 2018, 185 p.

ARRUDA *et al.* **Associação entre o tempo de internação e indicadores de massa muscular em idosos hospitalizados.** Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 4, p. 21832-21847, apr. 2020. ISSN 2525-8761.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

_____. **A arte da vida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

BOSSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos.** São Paulo, T.A. Queiroz, Editor. LTDA, 1979.

CAVACO, C. **Aprender fora da escola: percursos de formação experiencial.** Lisboa: Educa, 2002.

CORTELLETTI, I. A. **Universidade: uma função social na promoção da velhice.** CASARA, M. B; CORTELLETTI, I. A; BOTH, A. (Orgs.). **Educação e envelhecimento humano.** Caxias do Sul: Educs, 2006.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez, 1998.

DONATO, A. C. **Análise da história de vida e a relação do nível de stress em idosos institucionalizados.** [Dissertação Mestrado em Psicologia]. Universidade de São Paulo, 2016, p. 270.

ERIKSON E. H; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HEINECK, W. M. **Felicidade individual e coletiva: reflexões sobre a busca do bem-viver do ser humano na civilização.** [Dissertação de Mestrado]. UNIJUI, 2018, p. 157.

INOUYE, K; ORLANDI, F. S; PAVARINI, C. L; PEDRAZZANI, E. S. **Efeito da Universidade aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e142931, 2018. 1- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201708142931>.

IPEA, **Infraestrutura social e urbana no Brasil: subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Brasília: Ipea, 2010.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, C. E. **Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEIRELLES, M. [et al.] **Sociologia: trabalho, ciência, cultura, diversidade**. Porto Alegre: Cirkula, 2013.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade: o caminho das pedras**. São Paulo: Editora Gente, 1995.

NUNES, M. **Desafios e perspectivas na velhice: a interpretação da Terceira Idade**. Revista Portal de Divulgação, n. 22, ano II, p. 6-17, jun., 2012. ISSN 2178-3454. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>. Acesso em: 21 fev.2020.

PAIVA, P.T.A; WAJNMAN, S. **Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil**. Revista bras. Est. Pop., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-322, jul./dez. 2005.

PARADELLA, R. **Estatísticas Sociais**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em 19 fev. 2020.

PERISSÉ, C; MARLI, M. **Caminhos para uma melhor idade**. Rev. Retratos IBGE, fev. 2019.

PINI, F. R. **Educação popular em direitos no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos: uma experiência do projeto MOVA-BRASIL**. Educação em Revista. v. 35. 2019.

SALLES, R. J. **Longevidade e Temporalidade: um estudo psicodinâmico com idosos longevos**. Universidade de São Paulo. [Tese de Doutorado]. 2018. 257p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

_____. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, R. S. **O capitalismo dependente brasileiro e a globalização neoliberal: três momentos de uma inserção subalterna (1980-2016)**. [Tese de Doutorado]. UERJ, 2019.

SANTOS, S. T.; SOUZA, L. V. **Envelhecimento positivo como construção social: práticas discursivas de homens com mais de sessenta anos.** Revista da SPAGESP. v. 16, n. 2, p. 46-58, 2015.

SILVA, E.T. **Estrutura urbana e mobilidade espacial nas metrópoles.** Rio de Janeiro: Letra capital, 2012.

SIMÕES, C. C. S. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população.** Rio de Janeiro: IBGE-Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016.119p. Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 2236-5265.

TURRA, C. M. **Os ajustes inevitáveis da transição demográfica no Brasil.** Belo Horizonte: Cedeplar, 2018.

VILIONE, G. C. C. **Análise crítica sobre o envelhecimento na perspectiva de totalidade: o cotidiano pós-moderno.** Serviço Social & Realidade, Franca, v. 25, n. 2, 2016.

ZACHARIAS, S. T. **Refletindo sobre a terceira idade.** In: DHNET. Natal: Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos - DHnet, [2016]. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/3idade/refletindo_idade.html>. Acesso em 15 mar. 2020.